

# UM JOGO DE CARTAS JAMAIS ABOLIRÁ O ACASO SOBRE LEITURA E ADIVINHAÇÃO

## RESUMO

A partir da descrição de uma fictícia leitura de tarô, são desenvolvidas, neste ensaio, algumas considerações sobre a semiótica, nos campos da adivinhação, da poesia e da psicanálise. Baseando-se no conceito de abdução, de C. S. Peirce, busca-se ampliar o entendimento sobre a leitura, na reflexão teórica sobre a milenar prática da cartomancia.

## ABSTRACT

From the description of a fictitious tarot reading, some comments about the semiotic, in divination, poetry and psychoanalysis fields are developed in this paper. Founded in the C.S.Peirce idea is wanted to amplify the knowledge reading, from the teoric reflection about the millenary cartomancy practice.

## I

Duas mulheres sentadas, uma diante da outra, descalças. Almofadas espalhadas pelo tapete. Duas mulheres que se olham e se preparam para receber as cartas, o mapa. Ao lado, em cima de um pavão de cetim, o baralho, envelope lacrado a ser aberto pelas mãos talvez poderosas da cartomante. A mensagem virá de alé maquémportos. É dentro da sala que estão as mulheres e nenhum tapete mágico vai transportá-las às regiões inusitadas. Os sapatos, botas de sete léguas, foram deixados a um canto. Aberto o jogo, lacra-se a porta. Não há saídas, só labirinto. A imaginação não há de conduzi-las ao saber libertador. A imaginação não tem reinos. No entanto, elas se miram em águas profundas: uma no lago da outra. Então aparece a Lua refletida na face da água, ou será o sol, sem os seus raios e sem o seu sorriso?

As cartas vão sendo lidas em voz alta e depois, em silêncio, seus desenhos são descompreendidos; o que sai em palavras ordenadas em um raciocínio lógico, volta em avesso e fragmento. E logo se vê que a razão é uma falsa porta, ou apenas o reflexo de outra porta invisível. Mais uma volta no labirinto. Quem terá a chave da saída? Elas se olham fascinadas: suas mãos não são poderosas! Não há quem saiba jogar. E riem desanimadas, no fundo, contentes. Terão ainda coragem para continuar no templo, sentadas em seus postos – Pontífices – pontes edificadas em si mesmas para atravessarem a ignorância. Nesse momento, não há perigo da sala se transformar em cela.

De abadessas guerreiras comandando tropas imaginárias, joanas D'Arc portadoras de letras, elas se tornam claudiosas Estrelas e rezam à esperança: *Ora pro nobis, que vamos partir, da espera, para a estrela, senhores do fim, que nos espera, da estrela, do desespero, que nos revigora, e estamos aqui,*

*sem humildade, ob, grande dia, ora pro nobis, que somos estrelas, notáveis, brilhantes, enfim.*

Será este então o conteúdo das cartas? Cinco mistérios, cinco arcanos com seus emblemas, seus números e letras. Para as duas, não há retorno pela neutralização dos binários. Sempre há uma terceira via, um caminho a mais para seguir: no templo da papisa, senta-se um papa, o sol refletido no lago é lua. Para elas, que atravessam o caos, a predição é a esperança, como a do Arcano XVII do tarô, segundo André Bréton, quando ele, no seu sonho, se depara com a estrela matutina: *...era na Ilha Bonaventure...nós dêramos uma volta ao seu redor, naquela mesma manhã, sob um céu encoberto, num barco de pesca com todas as velas ao vento.*<sup>1</sup>

Dessa maneira, as duas jogadoras enxergam um portal encimado por uma inscrição hieroglífica, uma língua na boca, a letra P de palavra. É por ali que seguem, ao pressentirem o mistério: o amor existe na perda do objeto e a liberdade, na sua privação. Olham novamente o desenho na carta da Estrela e a moca ajoelhada na beira do rio, jogando fora o líquido das jarras, fazendo os fluidos fluírem. Lembram-se do hai-kai: *tudo o que colho na maré baixa vem vivo.*<sup>2</sup>

A verdade sempre muda de lugar e à circulação dos fluidos corresponde a circulação dos sentidos da palavra tarô, rota, torá. Na polissemia dos signos encontra-se a possibilidade da renovação eterna, mesmo num planeta gasto, mesmo numa cela de cadeia. Caídas do céu, não há como não sofrer. A consciência é, desde Cristo ou Sidarta, trespassar os flancos com a espada da dor. Compreender é praticar o ato mais selvagem. *Com que então pertenco aos céus?*, pergunta Ícaro, alçando vôo.

Elas calçam os sapatos para retomarem seus afazeres cotidianos. Os carros na avenida da clínica são projéteis lançados ao acaso. Num golpe de sorte, o táxi que vem apanhá-las terá um motorista chamado Ezequiel.

## II

Adivinhação, experiência ou religião. Tarô, rota, torá. Qual a natureza do fato que acabamos de relatar? Pensando nos princípios da semiótica peirceana, podemos relacionar o jogo místico descrito acima com um jogo de signos da ordem da abdução, do pragmatismo e da crença, nomes com que Peirce vai designar, dentro da sua Pragmática, o que comumente chamamos insight, revelação e adivinhação, respectivamente, aliados a

processos de dedução e indução. Sabemos que o pensamento lógico nos capacita às maiores inventividades no jogo. E, num jogo de adivinhações, como é o caso do tarô, temos a possibilidade de operar com várias modalidades do processo semiótico porque aí encontramos todas as formas de signo: as cartas se arranjam em um diagrama que contém índices, ícones e símbolos desenhados na sua superfície. E no próprio signo *tarô* já se apresenta o convite ao campo semiótico.

O tarô é um jogo de cartas que faz sentido quando as pessoas envolvidas se projetam na tela, no desenho da carta que, ao ser lido, torna-se mancha e névoa. O mundo ao redor dos jogadores, em suma, se esvanece numa bruma de irrealidade, desaparecendo ao som da única realidade presente: a palavra.

Como diz Peirce, ao desenvolver a teoria do Pragmatismo, qualquer concepção terá efeito lógico e se colocará em primazia diante de outras concepções, se for capaz de modificar a nossa conduta prática que se adequará doravante a tal concepção.<sup>3</sup> Assim, o texto pronunciado pela taróloga conta a história inventada mas, no entanto, recordada pela consulente e, que dali por diante poderá pautar, positiva ou negativamente, o seu comportamento.

Quando falamos sobre qualquer dos arcanos do tarô, o que fazemos é combinar seus símbolos, de modo a fazê-los retornar ao estado icônico, ou seja, o signo que está encoberto pelo caráter de representação convencional, simbólico – lua, símbolo do feminino – é desmascarado pela voz que o descreve para alguém, quando diz, por exemplo, *a lua surge na sua vida como o fantasma de uma mulher*. Para quem ouve, o fantasma aparece. Assim, a taróloga é a cozinheira que prepara uma vitamina de frutas. Apenas as substâncias dos símbolos permanecem quando eles retornam ao estado informe primordial, ao completamente abstrato: de cada fruta, na vitamina, fica apenas o gosto. Se o ícone é um signo que não precisa de interpretante para existir, sendo a sua forma mesma a presença da idéia que o gerou, não há, no momento da leitura do tarô, nenhuma necessidade de referências buscadas na vida da consulente. Não é preciso um conhecimento prévio das questões que a afligem. Os dados estão todos na mesa.

Participa dessa natureza semiótica, de maneira especial, a criação poética, tal como é pensada na lírica moderna. Quando Paul Valéry diz que *a poesia é um fragmento perfeitamente formado de um edifício inexistente*<sup>4</sup>, ele está apenas repetindo a fórmula com que Peirce definiu o signo icônico, ao dizer que o ícone não tem conexão dinâmica alguma com o objeto representado: o que os une é apenas um exercício de analogia. E tanto mais distante do objeto relacionado, mais abrangente é o domínio da representação icônica. Mallarmé tentou criar o duplo do universo e chegou

ao silêncio. Da mesma maneira que a natureza é uma floresta de símbolos – a total eloquência- ela é também a presença que cala, o mistério fechado do silêncio. Assim como os surrealistas, nos seus transbordamentos, os poetas concretistas, na sua extrema concisão, buscaram extratos primordiais da linguagem.

Nenhum conhecimento é possível via palavra, a não ser por adivinhação. Somente a relação com o desconhecido faz com que a poesia consiga a liberdade de projetar suas criações em nossas mentes. Se o texto é excessivo ou enxuto, não importa, a realidade vislumbrada nele ocupará o espaço que estiver livre, terá o tamanho da viagem mental que se fizer. Se uma vidente diz: *seu pai vai morrer*, e outra diz: *haverá perdas*, ambas as frases serão signos, para a consulente, de uma dor insuportável. Mas, se futuramente, o vaticínio se concretizar, a dor que ela seguramente suportará será multiplicada e terá muitos outros matizes desconhecidos pela dor que ela sentira ao ouvir a voz da adivinhação

O poeta alemão G. Benn disse que a poesia *está pronta antes de começar só que o autor ainda não sabe o seu texto.*<sup>5</sup> É assim que a fala da cartomante se coloca: uma história recortada em incontáveis histórias que os arcanos de todas os tempos guardam. A infinitude de significâncias é facilitada exatamente pela possibilidade de transgressão do símbolo, ao buscarmos o esquema fundamental, perfazendo o caminho percorrido ao operarmos a simbolização no sentido contrário, no sentido da volta. Partindo da analogia mais acabada vamos em busca do ponto de separação dos significados, almejando a *primeiridade* segundo Peirce, tropeçando em cada ponto e o estilizando. Quem sabe seja este o sentido do verbo desmitificar, destruir a mística, des-simbolizar, separar o que se encontra misturado, para que o jogo da interpretação se estabeleça na superfície dos significantes, dando lugar à multiplicidade de sentidos, ao acaso dos acontecimentos.

Concluindo, tanto a prática do tarô, quanto a da poesia e a da psicanálise podem ser encaradas como tendo um fundamento comum: a desmitificação da realidade dada e do sujeito constituído. Plagiando Mallarmé e Valéry, que o seguiu, podemos afirmar que a palavra é o primeiro autor do ato poético e acrescentar ainda que ela é também a legítima adivinhadora. Portanto, um jogo de cartas, ícones, transposto em palavras, símbolos, durante a leitura do tarô, opera; no ato da recepção, a passagem do simbólico para o icônico. É como se a consulente assistisse ao drama da própria existência, no qual as palavras fossem atores e surgissem na maior materialidade, devidamente paramentadas. Podemos, em síntese, concluir que a imaginação e a magia são meras sugestões abduativas, como talvez as chamasse Peirce: *A sugestão abduativa advém-nos como num lampejo. É um ato de introvisão (insight) embora de uma introvisão extremamente falível. É verdade que os*

*diferentes elementos da hipótese já estavam em nossas mentes antes; mas é a idéia de reunir aquilo que nunca tínhamos sonhado reunir que lampeja a nova sugestão diante da nossa contemplação.*<sup>6</sup>

Eis uma concepção, dentre as muitas possíveis, recortada ao acaso na obra de Peirce, da leitura semiótica das cartas do tarô.

## NOTAS

<sup>1</sup> BRETON, André. *Arcano VII*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>2</sup> Transcrição de memória do poema de Alice Ruiz.

<sup>3</sup> MISHIMA, Yukyo. *Sol e Aço*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>4</sup> PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

<sup>5</sup> VALÉRY, Paul. *Oeuvres*. Paris: J. Hytier, 1957. p.1490.

<sup>6</sup> PEIRCE, op.cit., p.226.